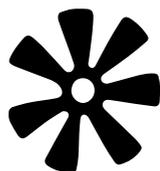


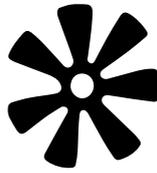


Sumaya Mattar e  
Vinícius de Azevedo  
(organizadores)

ARTE E EDUCAÇÃO  
PARA PROFESSORES

# **TEIAS DE AFETOS E SABERES**





*Sumaya Mattar e Vinícius Souza de Azevedo*

---

## **Uma teia coletiva**

O Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação (GMEPAE) tem o prazer de apresentar um dos desdobramentos da primeira turma do curso de extensão *Arte e Educação para Professores*. O curso é uma iniciativa do GMEPAE, como forma de ampliação do diálogo entre Universidade e Escola Pública, buscando oferecer uma possibilidade de atualização docente em arte<sup>1</sup>, e resulta dos estudos, pesquisas, práticas, reflexões e inquietações dos membros do grupo de pesquisa, composto por pesquisadores, educadores, estudantes e artistas. Seu principal objetivo é oferecer aos professores um espaço de estudo, pesquisa, reflexão, experimentação e criação a partir de uma perspectiva decolonial, que faça frente aos desafios contemporâneos da

---

1 O curso é gratuito e as vagas são destinadas prioritariamente, a professores atuantes na Educação Básica das Redes Públicas de Ensino, dispostos a realizar um projeto na escola em que trabalham.



arte na educação escolar.

Dois módulos semestrais consecutivos compõem o programa do curso, cada qual com uma carga horária de 60 horas. O Módulo I apresenta aos participantes bases epistemológicas e propõe vivências de experiências diversificadas em múltiplas linguagens, para fomentar o trabalho a ser realizado no Módulo II, voltado para o desenvolvimento de projetos político-poético-pedagógicos dos participantes em suas respectivas escolas.

O programa do curso está estruturado em torno dos seguintes grandes eixos: perspectivas decoloniais em arte e educação; pedagogia crítica e práticas interculturais; inseparabilidade, na práxis educativa, entre professor, artista e pesquisador; defesa da educação pública e do ensino de arte no currículo escolar; valorização da profissão docente; prática educativa em arte como práxis criadora; ensino de arte como experiência emancipadora. Como desdobramentos destes eixos, os seguintes tópicos são trabalhados: 1 - Perspectivas e experiências decoloniais em arte e educação; 2 - O ensino de arte no espaço escolar frente aos desafios contemporâneos; 3 - A Lei 1.1645 / 2008: culturas indígenas e afro-brasileiras e o ensino de arte; 4 - Arte e seu ensino para além da escola: meio artesanal, cultura popular, movimentos artísticos e movimentos sociais; 5 - A docência da arte como práxis criadora; 6 - O projeto político-pedagógico da escola e os projetos poético-pedagógicos dos professores; 7 - Onde nasce um currículo de arte?

As aulas do Módulo I da primeira turma do curso foram realizadas no segundo semestre de 2019, nas dependências do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunica-

ções e Artes da Universidade de São Paulo<sup>2</sup>. No ano seguinte, quando o segundo módulo estava começando a ser oferecido, as atividades tiveram de ser suspensas em decorrência do isolamento social para conter a disseminação da COVID-19. Assim, o segundo módulo começou apenas em março de 2021, e como o isolamento social ainda era necessário, os encontros semanais ocorreram em formato remoto, fato que impôs inúmeros desafios aos participantes<sup>3</sup> e à equipe educativa<sup>4</sup>.

Perguntávamo-nos se seria possível transpor para o espaço virtual as ricas vivências interdisciplinares que estávamos acostumados a planejar. Também nos perguntávamos como poderíamos abrir mão, em nossas aulas, das diversas materialidades, do fazer junto, dos olhares, das vozes, dos corpos em movimento habitando o mesmo espaço.

Aos poucos, com o passar das aulas, fomos entendendo que mesmo em condições tão limitadoras era possível realizar um trabalho significativo, e que não se tratava de abrimos mão do que nos era caro como educadores, mas sim de criarmos possi-

---

2 Participantes do primeiro módulo, em 2019: Bernadete Aparecida dos Santos Oliveira, Camila Jacinto Pereira, Dayse Ana Fernandes, Elaine da Silva Santana, Fernando Lima Ramos, Gabrielle Martin Távora, Gláucia Adriana Simões Almeida, Letícia Rodrigues de Almeida, Mariana Zanetic, Ranieri Rangon Ramos, Regiane de Paula Santana, Renato Brunassi Neves dos Santos Silva, Rodrigo Acosta, Samanta Costa Tavares, Sylvania Francisca de Jesus, Sílvio Fernandes do Amaral, Viviane Júnior e Viviane Roberta Florêncio da Silva Galter.

3 As professoras Eliene de Oliveira Aleixo, Glauce Regina Assis de Paula, Ligia Martins de Oliveira Almeida, Thaís Pereira Silva e Vanda Lúcia do Carmo não puderam participar do segundo módulo por indisponibilidade de horário.

4 A equipe educativa do curso foi composta pelos seguinte membros do GME-PAE: Alberto Roiphe, Caio Vinícius Bonifácio, Clarissa Lopes Suzuki, Francisca do Val, Gabriela Mafud, Guilherme Nakashato, Hercília Tavares de Miranda, Leandro de Oliva Costa Penha, Lucas Rosario Joia Chrispim, Luiza Couceiro Latorre, Sumaya Mattar e Vinicius Souza de Azevedo.

bilidades com o que tínhamos em mãos, e isso foi e precisava ser feito com os participantes - professoras e professores, que, passando por situações muito difíceis com o fechamento das escolas, também se perguntavam se era possível ensinar arte de forma remota. Fomos alunos e professores uns dos outros - e foi assim que, juntos, sustentamos a nossa esperança em um sombrio período da história do nosso país e aprendemos muito.

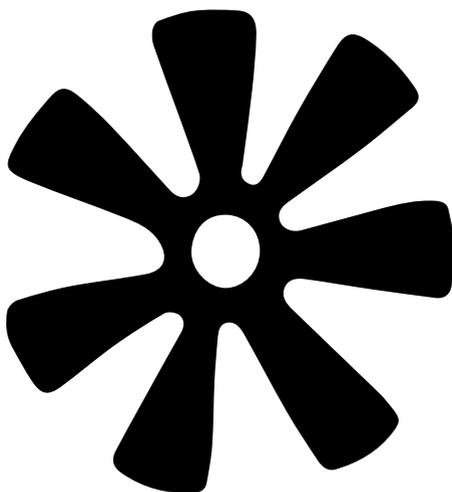
Estes dois diferentes momentos – o presencial e o *on-line*, bem como o processo de aprendizagem coletivo e alguns desdobramentos do curso nas práxis dos participantes, aparecem nos textos publicados nesta coletânea. Reunidos, eles representam a materialização de um duplo objetivo do GMEPAE: por um lado, o compartilhamento de experiências, saberes e referências que fizeram parte dos encontros; por outro lado, um estímulo e uma oportunidade para todos os participantes rememorarem e refletirem sobre o rico (e desafiador) processo que vivenciaram.

Inspirados na maneira como o processo formativo se deu – em especial, pelo diálogo e a valorização da vivência e do olhar de cada pessoa, os dezesseis textos aqui apresentados reafirmam a profunda crença no potencial transformador da arte e da educação na formação humana. Seus autores são integrantes do GMEPAE, que ora foram docentes do curso, ora foram alunos, assim como os professores e as professoras de escolas públicas que também ocuparam os dois lugares. As múltiplas traduções das vivências feitas pela pena de cada autor/a revelam a teia de saberes que foi finamente bordada ao longo dos dois módulos do curso, de forma coletiva.

A trajetória por esta teia tecida a muitas mãos tem início com a história criada por Renato Brunassi Neves dos Santos (Aguessi) inspirada em uma das narrativas trabalhadas nas

aulas sobre a figura de Anansi, a aranha narradora africana, e em reflexões desenvolvidas nos encontros. O adinkra<sup>5</sup> “ananse ntontan” (teia de aranha) simboliza sabedoria, criatividade, engenho e a complexidade da vida, síntese do significado mais profundo daquela narrativa. Na história criada por Renato, uma aranha descobre uma maneira de produzir alimento, explorando de forma predatória o meio ambiente e outras aranhas. Ananse, então, vê-se obrigada a provocar um movimento de revolução contra essa via de produção rápida e opulenta, porém destruidora.

**Imagem 1 – Adinkra “Ananse ntontan”.**



Fonte: Dicionário de símbolos, disponível em <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-adinkra/>, acessado em outubro de 2022.

---

5 Adinkras são um conjunto de símbolos que representam ideias expressas em provérbios, uma tradição dos povos acã, da África Ocidental, com destaque para os Asante, do Gana. Fonte: IPEAFRO, disponível em <https://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/>, acessado em outubro de 2022.

Seguindo o fio da teia, Leandro de Oliva Costa Penha, pesquisador do GMEPAE, apresenta um artigo em que tece reflexões sobre a metodologia desenvolvida no curso e os seus desdobramentos. Para tanto, parte da descrição da aula por ele desenvolvida no 1º módulo e de algumas experiências propostas no 2º módulo. Com base nos conceitos de território e brincadeira, partindo de fotos e relatos dos participantes, Leandro narra detalhadamente sua proposição e duas aulas desenvolvidas pelos participantes com seus colegas de curso.

O texto seguinte é a narração da experiência que deu início ao curso, em agosto de 2019, escrito por Vinícius Souza de Azevedo, a qual foi elaborada em parceria com Sumaya Mattar, coordenadora do curso e do GMEPAE, e com Clarissa Suzuki, pesquisadora do grupo. Vinícius retoma um trecho da história narrada<sup>6</sup> e tece reflexões sobre as relações propostas entre a história, as experiências vividas e os desdobramentos do curso, em que o bordado figura como prática criadora e organizadora da experiência educativa.

O fio segue com a narrativa verbal e visual de Fernando Lima Ramos sobre seus processos, desafios, descobertas e encontros ao longo do curso, tendo como pano de fundo o contexto em que atua como professor: escolas públicas da Rede Estadual de Ensino de São Paulo. As reflexões de Fernando apresentam aspectos fundamentais a respeito do tra-

---

6 A história narrada foi o conto tradicional chinês “O bordado encantado”, a partir das compilações de PERROTI, 1996 e BONAVENTURE, 1992. O conto narra a história de uma bordadeira que encontra um bordado maravilhoso em uma loja, e então, resolve investir em seus próprios desejos, bordando seus projetos, além dos costumes. Após uma longa saga, que começa com a perda do seu trabalho pronto, o bordado se torna realidade e passa a ser a paisagem da aldeia onde mora.

balho docente, particularmente no campo da arte, e demonstram o quanto o curso alimentou seus sonhos e contribuiu com a sua formação, tornando sua práxis mais substancial e significativa, sobretudo por ter lhe dado acesso a muitos conceitos, referências, procedimentos e materiais.

Na mesma linha narrativa, Sylvania Francisca de Jesus conta um pouco da sua trajetória até chegar ao curso e narra algumas experiências vivenciadas durante os encontros. Em um relato sensível e delicado, quase um diário de bordo, ela compartilha seu processo de descobertas, vivências, criações, relacionando esses momentos com as propostas desenvolvidas pelos diversos docentes. Sylvania relaciona essas experiências às propostas que desenvolveu com a sua classe de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com a qual trabalhava na época, sugerindo um diálogo entre o ser ensinante e o ser aprendiz no jogo árduo, porém revigorante, da educação no âmbito escolar.

Francisca do Val, membro do GMEPAE, oferece um relato inspirado em sua experiência no curso e no próprio grupo de pesquisa. Narra um pouco da sua trajetória como professora do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo e da sua chegada a um grupo de pesquisa em arte e educação. Os aprendizados propiciados pela interface destes dois campos e seus desdobramentos em sua forma de pensar são objetos da sua narrativa.

O fio dessa teia segue se desdobrando com o relato repleto de imagens de Rodrigo Acosta, em que narra, afetuosamente, como chegou ao curso e as perspectivas que foram se abrindo à medida que, semana a semana, os encontros aconteciam. Rodrigo conta como era sair, cotidianamente, de Santo André, município da Grande São Paulo, para ir à USP aprender/

ensinar e refletir sobre temas e questões que abriram novos horizontes em seu exercício como professor de Arte da Rede Municipal de Educação de Diadema e São Caetano, também municípios da grande São Paulo.

Com um fio de nuances parecidas às dos fios narrativos empregados por Rodrigo, Regiane de Paula Santana tece o seu relato, também cheio de afetividade, com o qual compartilha sua trajetória como professora de Arte da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, ao mesmo tempo em que reflete sobre a importância de ter participado do curso, especialmente por lhe terem sido apresentadas novas referências e possibilidades de atuação.

Mariana Zanetic, por sua vez, ensaia uma tessitura nova nesta teia coletiva ao relatar sua experiência como professora da Rede Pública Municipal de São Paulo, exercício que segue *pari passu* à militância por direitos básicos da classe docente. Em um relato/manifesto, ela resgata alguns acontecimentos políticos dos últimos anos no país e reflete sobre experiências vivenciadas no curso e suas reverberações em seu cotidiano, entre as quais, proposições que desenvolveu com estudantes das escolas onde trabalha como professora de Arte.

Com este mesmo fio do engajamento político, Clarissa Suzuki e Letycia Rendy Yobá Payayá traçam reflexões sobre os saberes historicamente silenciados pelos processos colonizadores, patriarcais, embranquecedores e universalizantes impetrados à população brasileira, com destaque para os povos originários. Elas narram a experiência de docência compartilhada que realizaram no curso, uma proposta de diálogo entre os saberes dos povos originários de Pindorama, a educação e as artes, e apresentam importantes referenciais epistemológicos para este campo.

Gabrielle Martin Távora segue o fio da teia relatando a proposição que desenvolveu no 2º módulo do curso, quando os participantes foram convidados a ministrar uma aula ou apresentar uma proposta de trabalho para os colegas da turma. Gabrielle trabalhou a partir do conceito de “deriva poética”, como forma de aquecer, animar, mobilizar, sensibilizar o corpo de maneira integrada e integradora. Ela também conta um pouco como realiza essa mesma proposta no contexto da educação não formal na área de teatro.

Dayse Ana Fernandes igualmente relata suas experiências como professora em uma Escola de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, desencadeadas pelo curso. As experiências vivenciadas no início do primeiro módulo, em especial a proposta com o bordado, trouxeram-lhe referências importantes e provocativos e a encorajaram a experimentar novas formas de promover ações pedagógicas com a sua turma. Partindo do bordado, Dayse desenvolveu com as crianças uma série de vivências que reverberaram em novas relações interpessoais na turma, assim como repercutiram em fazeres pautados na criatividade e na imaginação, sem perder de vista o trabalho coletivo, a convivência diária e o ato de compartilhar, instâncias fundamentais tanto no início quanto ao longo de todo o processo de escolarização.

A teia da sala de aula segue sendo tecida por Gláucia Adriana Simões, que compartilha os desafios de ser uma professora de Música que optou por trabalhar com Educação Especial, com ênfase em surdez, deficiência múltipla e deficiência sensorial (surdocegueira). Em seu texto, Gláucia mescla experiências e reflexões promovidas pelo curso com a sua práxis educativa, ora narrando seu ponto de vista como estudante

do curso, ora narrando seu experiente olhar como professora de Educação Especial.

Ranieri Rangon Ramos estende o fio da práxis educativa e narra suas propostas como docente orientador de Sala de Leitura de uma escola da Rede Municipal de Educação de São Paulo. Com base nas experiências e nos referenciais vivenciados no curso, ele discorre sobre os desafios que enfrenta no contexto em que atua e tece reflexões sobre a imagem da rede enquanto estrutura de organização e de produção de conhecimento no âmbito do curso. Esta estrutura seria a responsável pelas conexões e interações múltiplas e de várias naturezas que se deram ao longo dos encontros. Na continuação do seu relato, Ranieri explica como chegou à ideia da proposta que apresentou aos colegas da turma e de que maneira a adaptou para trabalhar com os seus estudantes.

A narrativa de Sílvio Fernandes do Amaral segue na sala de aula, contextualizando o curso e explicando as escolhas que o levaram à proposta que desenvolveu com estudantes de 5º ano do Ensino Fundamental de escolas estaduais de São Paulo, onde trabalha. Sílvio explica detalhes de cada fase do trabalho interdisciplinar que realiza e no qual conjuga Arte, Música e Astronomia, incluindo exemplos de materiais que podem ser utilizados em sala de aula.

Por fim, arrematando esta intrincada, afetuosa e multifacetada teia de afetos e saberes, Renato Brunassi Neves dos Santos Silva (Aguessi), que iniciou esta tessitura com a história da aranha capitalista, apresenta uma pesquisa que ele realizou no curso e a partir dele, sobre a questão da espiritualidade na formação do professor de arte. Após discorrer sobre os processos, os conceitos e as experiências promovi-

dos no curso e afirmar a necessidade de se discutir a espiritualidade no contexto da educação escolar, Renato apresenta resultados do levantamento que fez com os participantes do curso em torno de questões como: vivência da espiritualidade, liberdade religiosa, inspiração religiosa no trabalho educativo e presença deste tema em sala de aula, e conclui refletindo sobre a importância destas questões serem trabalhadas e pensadas a partir de perspectivas decoloniais referenciadas em outras formas de ser e de conhecer e na importância da Arte como um lugar de múltiplas potencialidades.

Esta publicação foi, assim como a teia do próprio curso, cuidadosamente tecida ao longo de um tempo de troca, partilha, cuidado, atenção, afeto, permeado por desvios, paradas, retornos, aspectos que caracterizam qualquer trajetória que se faz humana e respeitosa, frutificando nesta coletânea de textos que aqui se apresenta, resultado de um trabalho de muitas mãos, um círculo produtivo e virtuoso que busca a valorização das pessoas, dos saberes e o compartilhamento das experiências. Que esta teia reverbere em novas, múltiplas, infinitas e potentes tessituras!

*Primavera de 2022*